

A Virtude da Poupança

J.O. de Meira Penna

23 JUL 1983

O Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, revisto por Aurélio Buarque de Holanda, define Economia como "boa ordem em qualquer administração", logo em seguida, como "parcimônia no gastar" uma pessoa "econômica" é aquela que "gasta pouco", que é capaz de "economizar" de juntar "poupança" numa caderneta ou de qualquer outra maneira. É interessante notar como tão pouco se sabe em nossa terra sobre o termo cuja etimologia grega é *oikos* (casa) e *nemein* (administrar ou gerir). Como pouco se sabe de Economia, embora tanto se fale nela, mormente em nosso momento de crise, de inflação galopante, de queda na renda nacional, de desemprego no Sul e de miséria no Nordeste. Como dela pouco entendem, primeiro, os administradores da economia nacional que encalacraram a Nação com uma dívida de 90 bilhões de dólares; em segundo, a massa dos críticos, no Parlamento, nos partidos, na imprensa, nas universidades, pessoas que se recusam a reconhecer que não há alternativa para repor as coisas "em boa ordem na administração" a não ser apertar os cintos, gastar menos, trabalhar mais, aceitar a redução na renda popular...

Aristóteles reduzia a economia, como ciência do gerenciamento do lar coletivo que é a Nação, a uma disciplina enquadrada na estrutura ética — ou virtude de prudência. Economia, em suma, é prudência, é sabedoria. Li há pouco num dos principais jornais da República um alentado estudo de um técnico, dado como professor de economia numa de nossas grandes universidades: o cavalheiro imprudente denuncia em termos candentes o modelo rígido de poupança tão tardivamente adotado pelas autoridades, sob pressão incoercível dos organismos financeiros internacionais que são nossos credores. O que ele propõe é continuar gastando cada vez mais, "para estimular a economia". Sua manifestação seria pouco interessante se não refletisse um espírito geral de irresponsabilidade e falta de vergonha.

Não sou economista. Sempre senti uma certa repugnância por essa ciência, ou pseudociência confusa e difusa que mais parece insistir numa linguagem hermética para enganar e deitar a perder os incautos. Não estou longe de acompanhar Edmundo Burke, que, em suas reflexões sobre a revolução Francesa, lamentava o fim da Idade da Cavalaria, substituída pela dos "sofistas, economistas e calculadores"..."E a glória da Europa se extinguir para sempre"! Talvez tenha razão Anthony Hope, segundo o qual a economia consiste em forçar você a continuar sem aquilo que você quer, no caso de você algum dia querer algo de que provavelmente não precisa (parece até uma receita do FMI!)

Que a economia seja poupança e trabalho prudente — e que o *homo economicus brasiliensis* não conhece muito bem nem o que é poupança, nem o que é trabalho organizado e metódico — eis o que

me parece um axioma dos mais evidentes. Lembro-me de um episódio característico no princípio de minha carreira, e já lá se vão mais de 30 anos. Foi em Ottawa, no Canadá. O Canadá é um dos países mais ricos e prósperos do mundo, e goza não somente de amplos recursos naturais, mas também de uma elevada renda nacional, muito harmoniosamente dividida pela população socialmente equilibrada. É interessante observar, além disso, que o Canadá, sendo um estado de alto desempenho industrial e bem colocado na comunidade dos povos ricos da OCDE, possui como patrimônio tudo aquilo que nossos intelectuais marxistas ou cromarxistas denunciam como fatores responsáveis pelo subdesenvolvimento e dependência: é um país quase que inteiramente dependente da economia americana; segue um modelo francamente exportador (no sentido de que seu comércio exterior é três ou quatro vezes superior ao nosso); Encontrava-se até bem recentemente no status de semicolonial (sua constituição fora votada no parlamento inglês) e está infestado de multinacionais. É uma nação franca e descaradamente capitalista. Pelos dogmas ideológicos devia ser paupérrima. Não é: repito, é uma das mais ricas do mundo. Mas voltemos à minha história: naquela época em que cheguei a Ottawa, o grande problema pelo qual sofria o governo do Sr. Saint-Laurent denúncias no Parlamento era o superávit de algumas centenas de milhões de dólares (o que seria hoje equivalente a bilhões!) no orçamento federal. Passeando então pela capital canadense, descobri um grande edifício de madeira, uma espécie de enorme pardieiro cuja entrada ostentava o letrero *The Treasury*.

Com que então era este o Ministério da Fazenda de uma das mais opulentas potências do Ocidente com superávits fenomenais em seu orçamento! Minha mente se trasladou para o Rio de Janeiro, para a Esplanada do Castelo, onde recordei os tapetes persas, os marmores, as escadarias de bronze, os lustres pesados, os luxuosos apartamentos com piscina do nosso Ministério da Fazenda, a sede administrativa das finanças de um país eternamente assediado por sua dívida externa, pelo déficit em conta corrente, pela inflação, pela desordem da moeda, pela pobreza das massas. Qual o motivo dessa diferença entre o Brasil e o Canadá, pensei eu. Meditei sobre o problema da economia, da poupança e do trabalho acumulado que é capital. A diferença é que os canadenses são econômicos, sabem administrar seu lar nacional, gastam menos do que ganham, não procuram utilizar prodigamente as poupanças estrangeiras para construir sua infra-estrutura industrial, mas acumulam capital a partir de seu próprio trabalho. A diferença, é em suma, a que existe entre poupança, parcimônia, prudência, frugalidade, temperança, de um lado, prodigalidade, dissipaçao, extravagância, do outro. É um contraste de grande simplicidade, mas de fundamental importância. Resulta de uma antítese de com-

portamento que, infelizmente, não só jamais varou as circunvoluções cerebrinas da maior parte de nossos economists, mas — o que é mais relevante — nunca entrou tampouco nos hábitos normais da população.

Fala-se muito em inflação em nossa terra. E dos meios de corrígí-la. A resposta é fácil: inflação é falta de economia ou falha da economia, o que quer dizer a mesma coisa. Consiste, como já definiu Mário H. Simonsen, em querer dividir o bolo numa soma de fatias superior ao total. Nada mais do que isso: erro de aritmética. Há alguns meses participei de um debate com um grande economista dinamarquês na Universidade de Brasília, uma velha autoridade que fora também ministro da Fazenda de seu país. Indagava ele, abismado, sobre os motivos da inflação na América do Sul, notando com razão que outros países há em desenvolvimento, como por exemplo os da Ásia Oriental, Taiwan, Singapura, Coréia, que gozam de um dos mais altos índices de progresso na atualidade e, no entanto, não sofrem absolutamente de nenhuma inflação.

A prodigalidade em nosso Brasil é geral. E a do Banco Central, que, para administrar uma dívida (um capital passivo, não um ativo), constrói as sedes mais ostentosas de qualquer banco no mundo. E a do Ministério de obras públicas, que, para trazer trens pesados e lentos com minério de ferro de Minas para o Rio, constrói uma ferrovia com raios de curva e obras de arte próprias para o trem-bala japonês. E a do governo tecnocrático, que, na feliz expressão do senador Roberto Campos, tem o mau hábito de "privatizar os lucros (e que lucros!) e socializar os prejuízos (e que prejuízos)". E a do estado socializante, que, num país de 30 milhões de flagelados pela seca, paga à sua nomenclatura alguns dos mais elevados salários de executivos e lhes oferece algumas das mais suntuosas mordomias do planeta. E a da própria população, que, escarmentada por uma grave crise econômica inédita, elevação de preços, desemprego, etc., em vez de trabalhar mais rigidamente, diverte-se com o calendário mais recheado de feriados da crônica internacional, e apimenta o ano com férias especiais para a copa do mundo, para o carnaval, político-eleitoral, e para o próprio Carnaval do Rei Momo. Zé — Povinho que, longe de investir nas ditas cadernetas, prefere investir nas compras a crédito e juros altos: televisões, geladeiras, até automóveis. E se precipita a trocar moedas de um cruzeiro por notas de mil cruzeiros, porque algum imbecil anunciou essa nova versão urbana da Serra Pelada. E aplaude o Governo do Estado da Federação que vai realizar, como primeira obra simbólica de sua inépcia e sua demagogia, a construção do Sambódromo. Nesse monumento as escolas de samba do povoaréu, que está morrendo de fome (coitado!), irão gastar fortunas em extravagâncias, fantasias para desfilar em seu momento anual de glória dionisíaca.